



CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

LIDIANE SANTOS DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO CLÁSSICA NA OBRA DE RICARDO REIS

CAMPINA GRANDE-PB, 2014

LIDIANE SANTOS DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO CLÁSSICA NA OBRA DE RICARDO REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

CAMPINA GRANDE- PB, 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Lidiane Santos da.
A influência da formação clássica na obra de Ricardo Reis
[manuscrito] / Lidiane Santos da Silva. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de
Letras e Artes".

1. Análise literária. 2. Heteronímia. 3. Literatura clássica. 4.
Ricardo Reis. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

FOLHA DE AVALIAÇÃO

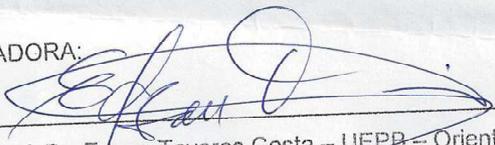
LIDIANE SANTOS DA SILVA

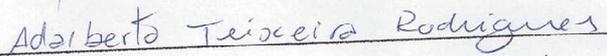
A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO CLÁSSICA NA OBRA DE RICARDO REIS

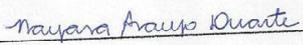
Aprovada em

11/02/14

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Edson Tavares Costa -- UEPB -- Orientador


Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues -- UEPB -- Examinador


Profª. Ms. Nayara Araujo Duarte -- UEPB -- Examinador

MÉDIA: 7,0

À minha filha Lavínia, bênção de Deus em minha vida, que teve a função de
“suavizar” os momentos de angústias, com seus abraços acalentadores.

DEDICO...

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pelo incentivo e compreensão pelas ausências.

A todos os professores do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, pelos conhecimentos passados e estímulo.

Ao Prof. Dr. Edson Tavares Costa, que colaborou com orientações precisas, desde a escolha do tema à finalização deste trabalho.

A todos que me acompanharam nesta trajetória, me encorajando diante das dificuldades e não me deixaram desistir.

Em especial a Deus que me deu condições de chegar até aqui.

**Concentra-te e serás sereno e forte;
Mas concentra-te fora de ti mesmo.
Não sê mais para ti que o pedestal
No qual ergas a estátua do teu ser.
Tudo mais empobrece porque é pobre.**

Ricardo Reis

A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO CLÁSSICA NA OBRA DE RICARDO REIS

SILVA, Lidiane Santos da

RESUMO

Um dos maiores escritores literários de Portugal e do mundo, no séc. XX, Fernando Pessoa, “deu vida” a vários heterônimos, a fim de expressar suas inquietações pessoais e da sociedade da época. A cada um atribuiu uma biografia, definindo as características físicas, intelectuais e comportamentais, local e data de nascimento, além do perfil psicológico, formação profissional, filosofia de vida, influências, preferências, enfim, todos os aspectos foram definidos por Pessoa. De fato, cada um recebeu características bem particulares, observáveis no estilo de suas obras, como é o caso do heterônimo Ricardo Reis, de forte influência clássica. Esta pesquisa objetiva analisar essa influência na obra poética atribuída a esse heterônimo de Fernando Pessoa. A partir de uma análise interpretativa dos poemas “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”, “Cada um” e “Não tenha nada nas mãos”, serão identificados aspectos que remetem aos ideais epicuristas e estoicistas, temas recorrentes na Literatura Clássica, e ao “carpe diem” sob influência do poeta Horácio. Os autores Moisés (1998) Moisés (2005), e Garcez (1990), serviram de fundamentação para este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Reis. Heteronímia. Influência clássica.

INTRODUÇÃO

A literatura portuguesa no séc. XX passa por grandes transformações. Os escritores começam a experimentar novas formas de expressões, refletindo os dramas da sociedade da época, insegura com a eclosão da 1ª guerra mundial. Com as crises econômicas e sociais, os padrões artísticos e culturais sofreram grandes mudanças, e é nesse contexto que Fernando Pessoa cria seus vários heterônimos atribuindo-lhes uma vasta obra poética.

Para cada um, também foi escrita uma biografia, definindo as características físicas e intelectuais, perfil psicológico, formação profissional, estilo de vida,

comportamentos em sociedade, enfim todos os aspectos que “individualizam” cada um dos heterônimos foram definidos e descritos pelo ortônimo.

Pessoa deixou vários escritos acerca de sua criação heteronímica. Em uma carta endereçada a Adolfo Casais Monteiro, no ano de 1935, explica como se dá essa “manifestação”, começando pela parte psiquiátrica:

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico. [...] seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos [...], não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com outros; fazem explosão para dentro e vivo os “eu” a sós comigo.¹

Nesse trecho, Pessoa explica a origem orgânica de seus heterônimos, falando do ponto de vista psiquiátrico, esclarece que essas “visões” só aparecem quando ele está sozinho, ou seja, não interferem na sua vida social, e não é algo externo.

A despersonalização em inúmeros heterônimos torna-se um alibi para a expansão de suas ideias complexas. Desse modo, dando vida às diversas vozes que se manifestava dentro de si, Pessoa pôde expressar com liberdade as contradições que lhe saltavam na mente. Através do fenômeno heteronímico “dava saída à genialidade latente nessas contradições” e assim expunha uma criatividade, imaginação fértil, e inteligência que sempre o acompanhou (MOISÉS, 1998, p.88).

Dando sequência à carta, Pessoa continua:

[...] desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente em figura, movimentos, caráter e história, várias figuras irrealis que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, por ventura, abusivamente a vida real. [...] e assim, arranjei e propaguei vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje ouço, sinto e vejo.²

Foi nesses momentos de “inspiração”, que Pessoa deu vida aos seus mais conhecidos heterônimos que ele explica: “Eu vejo diante de mim, no espaço incolor, mas real do sonho, as caras, os gestos, de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de

¹ Disponível em <multipessoa.net>, acesso em 01/12/2014.

² Disponível em <multipessoa.net>, acesso em 01/12/2014.

Campos. Construí-lhes as idades e as vidas”³. Acerca dessa capacidade pessoana de multiplicar-se em vários “eus”. Moisés (1998, p. 88) explicita que:

Pessoa criou os heterônimos para ser livremente, autorizadamente contraditório. Mas assim, inventando-se outros, que extraía do próprio “eu”, deixava de ser contraditório, uma vez que não é contradição o fato de cada heterônimo pensar por conta própria, diferentemente dos outros, como se fossem personalidades vivas e autônomas.

Uma explosão de ideias contraditórias eclodia de forma abrupta, fazendo com que Pessoa se multiplicasse em vários “eus”, e elaborasse uma vasta obra poética definindo assim, seus diversos heterônimos que parecem seres com vida própria. Desse modo, despersonaliza-se, na tentativa de superar a sua incapacidade de ver o real, que é contraditório, de uma forma não-contraditória. Por meio do processo heteronímico, Pessoa se revela em “vários poetas num só, várias consciências numa só”⁴, eximindo-se, assim, de certa forma, das ideias múltiplas e contraditórias que manifestava em seus escritos.

Deixando à parte as causas neuróticas dessa multiplicação de personalidades, o fato é que o processo de criação heteronímica revela uma genialidade, uma lucidez e uma extraordinária criatividade para traduzi-la em “obras-eres-poetas”, única, incomparável a qualquer outro fenômeno literário.

Este artigo compreende uma proposta de análise de alguns poemas atribuídos ao heterônimo neoclássico Ricardo Reis. O objetivo é identificar, nos poemas já citados, aspectos relacionados aos temas epicuristas e estoicistas, e ao *carpe diem*, visto que são temas que permearam toda a formação clássica à qual teve acesso.

De acordo com Pessoa, Ricardo Reis recebeu uma formação clássica fundamentada em concepções conservadoras, pois foi educado em um colégio de jesuítas. A preferência por odes, ao modo dos poetas latinos, a disciplina nas construções poéticas, o rebuscamento linguístico são elementos transportados de sua formação para a sua concepção poética. Médico de profissão, poeta por opção, apregoa uma concepção de vida simples, sem grandes envolvimento, que possam

³ Idem, ibidem

⁴ Idem, ibidem

causar sofrimentos futuros. Aceita naturalmente a transitoriedade da vida, visto ser inevitável a passagem pela morte.

Enfocamos, neste trabalho, a identificação de aspectos na obra de Ricardo Reis, transportados da formação clássica, conservadora, à qual teve acesso. Para tanto, além da análise da biografia e textos críticos deixados pelo próprio Pessoa, que contam a origem e analisam a obra de seus heterônimos, também serão utilizados, como fonte de pesquisa, os críticos e estudiosos da obra pessoana; contudo o enfoque principal será a leitura interpretativa de poemas do heterônimo, interesse maior desta pesquisa.

2 RICARDO REIS: O MAIS CLÁSSICO DOS HETERÔNIMOS

Como já mencionado, Fernando Pessoa, além de uma vasta obra poética atribuída aos vários heterônimos que criou, também produziu textos críticos e verdadeiras biografias, que auxiliam no trabalho de pesquisa e possível entendimento da obra destas personagens poéticas.

De acordo com a biografia criada por Pessoa para Ricardo Reis⁵, o mais clássico dos heterônimos nasceu no ano de 1887, no Porto. Quanto à descrição física “é um pouco mais baixo, mais forte, mais seco” que Caeiro (de quem é discípulo), de um vago moreno mate. De formação clássica, latinista, foi educado num colégio de jesuítas, onde lhe foi dada uma educação clássico-romana, mas também apresentava grande interesse pela educação clássica grega, fato que o torna um semi-helenista por educação própria. É médico vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente após a implantação da república em Portugal, por ter convicções monárquicas.

O poeta das odes apresenta, em sua obra, temas relacionados ao *epicurismo* e ao *estoicismo*, além do ideal *carpe diem* da cultura clássica.

O *epicurismo*, filosofia apregoada pelo filósofo grego Epicuro de Samus, defende um estilo de vida marcado pela moderação dos prazeres, ausência de

⁵ Idem, ibidem

desejos, recusa ao medo da morte e, sobretudo, a busca pelo autodomínio para alcançar a sabedoria.

O *estoicismo*, escola filosófica do período helenista, defende a aceitação às leis do destino, a contemplação à natureza, a liberdade sentimental, em que não vale a pena envolver-se com paixões que possam tirar a paz de espírito, ou seja, deve-se viver isento de perturbações e inquietações.

Carpe diem é uma expressão latina, atribuída ao sábio Horácio, que significa “colhe o dia / aproveita o momento”. Em Reis, surge como um ideal de vida em que se deve aproveitar o tempo presente, aceitar o que o momento oferece, porém, de forma moderada, com parcimônia, a fim de não comprometer a tranquilidade futura.

Boa parte dos poemas de Reis apresenta um epicurismo triste, pois defende o prazer do momento como caminho da felicidade, mas sem qualquer excesso que possa causar perturbações futuras. De acordo com a filosofia apregoada pelo poeta, para que se encontre a felicidade, devem-se evitar as preocupações, os grandes envolvimento, as paixões, que são “desassossegos” da razão.

O reflexo dessa formação clássica, atribuída a Ricardo Reis, está presente em sua obra, visto que revela um estilo trabalhado, uma serenidade epicurista, que aceita com calma e lucidez a relatividade, a fugacidade e a transitoriedade da vida, pois sabe que o tempo passa e tudo é provisório. No entanto, “sua volta ao passado se dá com os olhos fitos no presente e funciona como um diagnóstico, não como negação da realidade contemporânea.” (MOISÉS, 2005, p.189)

A sintaxe clássica latina, frequentemente com a inversão da ordem lógica, favorece o ritmo das suas ideias disciplinadas. A precisão verbal, o uso de palavras e expressões do latim, a preferência por Odes e o emprego de palavras arcaicas, são marcas da formação clássica de Reis.

Discípulo do heterônimo Alberto Caeiro, Reis cultivava um neoclassicismo pagão, visto que apresenta em seus poemas um estilo elevado, intelectualização das emoções, um rebuscamento linguístico, além de uma busca constante pela perfeição e equilíbrio. Inspirado na antiguidade clássica refere-se com frequência à mitologia grega, a seres mitológicos e aos deuses pagãos, que considera próximos do ser humano.

Algumas dessas características são observáveis nos poemas analisados a seguir:

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
 Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
 Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
 (Enlacemos as mãos)

Esta primeira estrofe remete-nos ao epicurismo. Observamos que o sujeito poético está em busca de uma felicidade relativa, moderada, de uma vida serena, tranquila, sem grandes preocupações. Para o epicurismo, é através da paz proporcionada por uma vida simples, sossegada, sem fortes emoções, que se encontra a verdadeira sabedoria. Deve-se desenvolver o autocontrole para manter-se indiferente aos problemas, e, assim, evitar alterar-se, qualquer que seja a situação.

Remete também ao *áureas mediocritas* e ao *carpe diem* horacianos, visto que as expressões “beira do rio” e “sossegadamente fitemos o seu curso”, referem-se à vontade de querer aproveitar o momento, e isso só é possível se feito diante da natureza, ao observar o rio correr.

Percebemos, ainda, nessa estrofe, através da expressão “que a vida passa”, que o sujeito poético propõe à pastora Lídia sentar-se com ele para observar o decorrer da vida, colocando o curso do rio como metáfora do passar da vida. Acerca dessa temática Garcez (1990, p.13) afirma:

É a vida e o seu antônimo - termos obsedantes nas odes de Ricardo Reis - o que está em jogo, pois a perda das horas implica a perda da vida, assim como todas as demais perdas constituem uma diminuição deste patrimônio que é o grande bem com o qual principiamos a partida. Este é o nosso único “ganho”, o valor radical já que inclui como é óbvio, todos os outros; mas ele é visto como um valor fictício, pois que é dado para ir sendo, a pouco e pouco subtraído.

Os termos vida e morte são recorrentes nas odes ricardianas, alertando para a rapidez com que a vida passa, e, diante disso, a preocupação em aproveitar cada momento. Para o heterônimo neoclássico, o desperdício de tempo com coisas “tolas” implica basicamente o desperdício da vida, esta apreendida como um “falso” presente, visto que, a cada dia que passa se aproxima o momento de perdê-la de forma definitiva.

Ainda na primeira estrofe, observa-se outra característica inspirada nos poemas clássicos da literatura greco-romana, o uso de musas inspiradoras como interlocutoras do sujeito poético. Entre elas, Lídia é a que aparece com maior frequência, compartilhando cada momento junto ao sujeito poético com equilíbrio e tranquilidade.

Na segunda estrofe, percebe-se a importância da reflexão que acarreta na moderação dos envolvimento. O sujeito poético recomenda um alerta para a racionalidade:

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para o pé do fado,
Mais longe que os deuses.

Aqui, o sujeito poético também chama a atenção para a passagem do tempo, reconhece a brevidade da vida a qual não depende do sujeito. Propõe a moderação dos envolvimento que possam causar algum aborrecimento futuro, pois, o tempo é implacável, nada deixa, nada voltará – é o “fado” que sempre será cumprido.

A terceira estrofe remete ao estoicismo, que prega a aceitação das leis do destino:

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos passamos como um rio.
Mas vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

O sujeito poético propõe que seja evitado qualquer envolvimento físico e emocional que possa causar sofrimentos futuros. Independente do que aconteça, a vida é efêmera e é melhor saber vivê-la de forma tranquila, sem qualquer preocupação, pois, nada se pode fazer para mudar as leis do destino. Desse modo, o desenlace das mãos simboliza o não envolvimento, a recusa aos prazeres, às paixões, aos sentimentos que possam, porventura, trazer qualquer aborrecimento. *Quer gozemos quer não gozemos*, a vida é passageira e é melhor passar sem qualquer aborrecimento.

Na quarta estrofe, observa-se novamente a presença dos ideais epicuristas:

Sem amores, nem ódios nem paixões que levantem a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados porque se os tivesse o rio sempre correria,

E sempre iria ter ao mar.

Para o sujeito poético, o fim sempre será a morte, independente do que ocorra, do que viva ou sinta. Assim sendo, o ideal é afastar-se de todos os excessos que possam causar “desassossegos”. Mais uma vez uma evidência à racionalidade e uma recusa às emoções que possam causar desequilíbrio. É melhor viver *sem amores, nem ódios nem paixões que levantem a voz*, pois nenhum sentimento, bom ou ruim, impediria a passagem do tempo, *o rio sempre correria e sempre iria ter ao mar*.

E ainda:

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o

Nesta estrofe, apresenta-se o autodomínio pregado pelos ideais epicuristas. O sujeito poético poderia aproveitar a vida de forma intensa, beijando, abraçando, trocando carícias, no entanto, assegura que não vale a pena vivenciar tais emoções, *se com sofrimentos*, visto que a morte será inevitável. Para ele, é preferível viver com moderação para que chegue à morte “vazio” de sentimentos, a fim de evitar sofrimentos.

Como característica influenciada pelo mestre Caeiro, Reis aborda na estrofe transcrita acima a contemplação à natureza e a valorização das coisas simples, através da observação do passar do rio. É através da observação da natureza que se aprende a verdadeira sabedoria. O mestre dos heterônimos apresenta em seu estilo uma “naturalidade, espontaneidade, ausência de reflexão, submissão aos sentidos como única fonte de conhecimento”, sugere um estilo de vida marcado pela simplicidade e em busca de uma perfeita harmonia (Moisés, 2005, p. 40).

Na sexta estrofe, vemos novamente a *áurea mediocritas* e o *carpe diem* horacianos:

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Aqui, observa-se um momento de calma e tranquilidade na contemplação da natureza, através das flores colhidas por Lídia e deixadas no colo “suavizando o momento”, o que faz com que o eu lírico o aproveite. Esta é uma característica do *carpe diem*, tema classicista, que também é destaque nos dois últimos versos, enfatizando o “aproveitar” do momento “sossegadamente”, sentindo o perfume das flores, sem qualquer perturbação, e isento de conhecimentos que possam atrapalhar o momento presente.

Acerca da presença das flores, nas odes do heterônimo neolatino, Garcez (1990, p. 13) faz a seguinte reflexão:

Se pensarmos que as flores, numa casa, constituem um acréscimo à limpeza e à ordem, um pormenor de embelezamento, facilmente concluiremos que elas elevam a ordem a um nível mais exigente, mais alto, o estético. Vendendo-as assim, elas contribuem para o concerto do mundo, ao serem uma forma de resistência ao desconcerto que é trazido pelo desgaste do tempo e pela mudança. [...] Embora que não se elimine o passar do tempo, parece que se consegue, [...] dar elegantemente a volta por cima, exorcizá-lo de alguma forma. Preencher as horas de coisas belas como as flores é um ato estético que contrabalança a sua perda.

Se o tempo é irreversível, ao menos deve-se preenchê-lo de forma sábia, com coisas belas e proveitosas para o momento e sem nenhuma ameaça à tranquilidade futura. Vigiar os pensamentos, ter o autocontrole das emoções, buscar o prazer momentâneo e equilibrado, a fim de se evitar qualquer tipo de aborrecimento, é o modo mais sábio de compensar a inevitável passagem do tempo. As flores são usadas como um símbolo que representa a beleza efêmera da vida.

As duas últimas estrofes constituem a conclusão do poema com a justificativa à recusa aos prazeres da vida:

Ao menos se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira, ou te mova.
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos,
Nem fomos mais que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim – à beira rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

Aqui, o sujeito poético atenta para a recusa a compromissos, visto que, diante da certeza da morte, não é viável que se envolvam, para que não sofram com lembranças após a partida. Relata uma vida limpa, inocente, livre de qualquer

envolvimento ou conhecimento, porque, durante a existência, “nem fomos mais que crianças”, fato que os torna isentos de qualquer remorso ou sentimento de culpa.

Os termos “*for sombra antes*” e “*levares o óbolo ao barqueiro sombrio*”, expressões usadas na literatura clássica, constituem-se em eufemismos usados para se referir à morte, e apresentá-la como algo natural e leve, correspondente ao curso natural da vida. O “*óbolo*” é um tipo de moeda da Grécia antiga; na literatura clássica, o termo é usado para se referir à moeda que se colocava nos cadáveres, como pagamento para serem transportados do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. Assim, a morte deve ser aceita, encarada de “mãos vazias”, sem nenhuma recusa.

Por viverem com simplicidade e pureza, as lembranças que deixarão se morrer, um antes do outro, serão agradáveis de recordar. Se partir antes, o eu lírico ressalva que será lembrado por Lídia sem sofrimento algum, e, no caso de a amada partir, a imagem que ficará dela será “à beira-rio/pagã triste e com flores no regaço”, ou seja, uma doce e suave recordação.

No poema a seguir destaca-se, entre outras características clássicas, a aceitação às leis do destino:

Cada Um

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,

E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

O referido poema, constituído em três quadras de versos livres, aborda a temática da aceitação total e passiva às leis previamente estabelecidas e impostas pelo implacável destino.

Nos versos iniciais, o sujeito poético indica que cada um executa o destino que lhe é dado, e que, diante disso, não cumpre o que gostaria, nem “deseja o que

cumprir”, visto que não teve opção de escolha. De nada adianta tentar contrariar o que lhe foi imposto, pois qualquer tentativa será inútil; para Reis, o destino está além dos deuses e do homem. Observa-se um jogo de palavras com o termo “cumprir”. O primeiro uso tem o sentido de “executar”, “desempenhar”, já o segundo significa “cabrer”, “pertencer”, ou seja, cada ser humano realiza o que o destino lhe reserva.

Na sequência, o ser humano é comparado “às pedras na orla dos canteiros” em que são dispostas sem direito à recusa. Desse modo, nada se pode fazer para resistir às implacáveis leis do destino. As pedras simbolizam a imobilidade humana, sua vulnerabilidade diante do que o destino lhe impõe, e, conseqüentemente, a impotência humana de decidir o rumo da própria vida.

Na última estrofe, observamos o conformismo do sujeito poético com relação ao que lhe é concedido, inclusive ao conhecimento. Diante disso, deve-se receber o que o destino oferece sem tentar entendê-lo, pois nada nos resta a não ser aceitá-lo.

De acordo com os ideais estoicistas, cada ser humano deve aceitar o que lhe foi dado, de forma que não existe outra saída a não ser vivê-la com dignidade, e, assim, desempenhar o papel que lhe foi designado, sem direito à recusa ou modificações, pois tudo depende do que a sorte lhe impôs.

Não tenhas nada nas mãos

Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá.

Os primeiros versos remetem ao epicurismo, tema recorrente em Ricardo Reis, que, temendo a chegada da morte, aconselha que “*não tenha nada nas mãos/ nem uma memória na alma*”, ou seja, que se viva de modo leve e sereno, com total desapego tanto aos sentimentos quanto aos bens materiais, e, assim, “*quando te puserem nas mãos o óbolo último*”, ou seja, quando vier a morte, não terás nada a lamentar.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?

Essas interrogativas apresentam ideais estoicistas, pois, o sujeito poético, consciente de que o destino é inalterável, defende um conformismo diante da certeza da morte.

O termo “Átropos”, mais uma vez uma influência da literatura clássica, faz referência a um ser mitológico, cujo trabalho era o de cortar o fio da vida. Reis diz: “Que trono te querem dar / Que Átropos to não tire?”, ou seja, de que adianta poder, fortuna, *status*, se nada levarás quando morreres?. Como referência à literatura clássica, Reis usa os termos “louros”, referindo-se à coroa com a qual os atletas eram presenteados, quando vitoriosos em suas competições, e “Minos”, que era um dos juízes dos mortos, na mitologia grega. “Que louros que não fanem / Nos arbítrios de Minos?”, ou seja, que glórias que não perdem o valor, quando chegar o julgamento final?

Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.

A certeza da morte, que cerca o sujeito poético a todo instante, está presente nessa estrofe, através dos termos “*estatura da sombra*”, que simboliza a importância da morte; além de “noite”, que se opõe ao sol, representando a escuridão, tristeza; e “fim da estrada”, referindo-se ao fim da vida, fim de uma jornada, em que o interlocutor nada será senão sombra, lembrança. Observa-se um tom de aceitação, de conformismo, em relação ao fado que deverá ser cumprido, sem qualquer recusa ou questionamento.

Em todo o poema observa-se a recorrência dos vocábulos “não”, “nada”, “nem”, enfatizando a negatividade que envolve a certeza da morte.

Colhe as flores, mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.

Aqui, o sujeito poético sugere ao interlocutor que aceite o que a vida lhe proporcionar, porém, não se envolva. Que seja indiferente a tudo e a todos, pois nada adianta se preocupar com coisas boas, ou ruins, pois nada mudará o destino. "Colhe as flores, mas larga-as, / Das mãos mal as olhaste.", assim, recebe o que o destino te apresenta, no entanto não interfira, deixa acontecer, pois qualquer reação será inútil. "Senta-te ao sol. Abdica / E sê rei de ti próprio", ou seja, apenas observa a vida passar com passividade, renuncia a tudo, pois, se tudo será perdido com a morte, é melhor que nada se tenha a perder, nada terás a lamentar.

3 CONCLUSÃO

Um aspecto bastante pesquisado pelos críticos e estudiosos, na obra de Fernando Pessoa, é, sem dúvida, o fenômeno da criação heteronímica.

Ricardo Reis é considerado um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa. Sua obra é marcada por características de origem clássica, fruto da formação que recebeu, pois foi educado num colégio de jesuítas.

No presente trabalho objetivou-se, através de uma análise interpretativa de alguns dos poemas que compõem a vasta obra do heterônimo, identificar aspectos influenciados pela formação clássica à qual teve acesso. Reis transportou da literatura clássica aspectos como: a preferência por odes, ao modo do poeta clássico Horácio; referência aos ideais clássicos: *epicurismo*, *estoicismo*, além do *carpe diem*, também de influência horaciana.

O mais clássico dos heterônimos defende um estilo de vida simples, sem envolvimento que tirem a paz e a tranquilidade que só o convívio com a natureza pode proporcionar. O medo constante da morte faz com que seus poemas sejam marcados por uma constante vigília, por um sentimento de solidão e certa "frieza" nas emoções. Desse modo, a morte, destino implacável, não trará dor nem sofrimento, visto que se viveu alheio aos sentimentos e o que restará serão lembranças doces e suaves de recordar.

ABSTRACT

One of the greatest literary writers of Portugal and the world, in the century. XX, Fernando Pessoa, "gave birth" to several heteronomous to express their personal and societal concerns of the time. To each assigned a biography, defining the physical, intellectual and behavioral, place and date of birth, beyond the psychological profile, professional training, philosophy of life, influences, preferences, all aspects were defined by Person. Really, each received very special characteristics, observable in the style of his works, such as the heteronomous Ricardo Reis, a strong classical influence. This research, bibliographic order, aims to analyze the influence on poetry attributed to that heteronomous of Fernando Pessoa. From an interpretative analysis of some of his poems, will take into account stylistic & thematic formal aspects, since it is the applicant, among other features, the use of verbs at the end of the verse, latinisms, and focused themes for epicureanism and stoicism, typical in Classical Literature. The authors Moises (1998), Moises (2005), Garcez (1990), among others, formed the basis for this work.

KEYWORDS: Ricardo Reis. Heteronomy. Classical influence

4 REFERÊNCIAS

GARCEZ, Maria Helena Nery. *O Tabuleiro Antigo: Uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

Sites:

<multipessoa.net>, acesso em 01/12/2014.

<arquivopessoa.net>, acesso em 01/12/2014